GRITAH
GRUPO DE INTERVENÇÃO E AÇÃO HUMANITÁRIA

O NOSSO MANIFESTO

Somos o GRITAH - Grupo de Intervenção e Ação Humanitária, e apresentamo-nos como Organização Não-Governamental para o Desenvolvimento (ONGD). Sem qualquer vínculo político ou religioso, inspiramo-nos sobretudo nos preceitos enunciados no preâmbulo e nos artigos que compõem a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Somos movidos pelo mundo que nos rodeia - todas as suas injustiças e disparidades, mas, em igual medida, somos motivados pela inabalável crença na valência da solidariedade e do altruísmo como matrizes comuns às quais devemos aspirar.

Temos como propósito fundador a construção de uma escola na Guiné-Bissau, uma infraestrutura sustentável e de impacto duradouro numa comunidade particularmente carenciada, em Cumura, a oeste de Bissau. Mais do que uma escola, tratar-se-á de um centro cívico transversal, aberto a todos os membros da comunidade, dedicado ao estabelecimento de laços e ao fomento do convívio, ao apoio dos talentos e da criatividade fervilhante dos jovens guineenses, e com vista à sua difusão artística. Através desta inclusão e capacitação, exploramos o impacto verdadeiro que o intercâmbio pode ter na tolerância e cooperação - valores humanistas que entendemos como universais.

Desde a nossa terra-mãe da Lixa, em Felgueiras, rumo à missão na Guiné-Bissau, fomos recebidos de braços abertos. No conhecer do país, dos cheiros, da terra vermelha, na troca de histórias, no assimilar com espanto das paisagens naturais tão distintas das europeias, nos risos e olhares vibrantes das crianças com quem nos cruzamos, tivemos a chance de absorver, a milhares de quilómetros daquilo que reconhecemos como casa, a magnífica África na sua mais humilde expressão - o triste, o injusto, o belo, o admirável, o resiliente, o escasso. A cada ida e volta, vamo-nos relembrando que pode ser que ainda possamos vir a mudar qualquer coisa.

A transmissão daquilo que, no âmago do coração humano, nos é comum, é irreversível - tal é o verdadeiro sentido de Humanidade, na sua forma mais crua e evidente; a milhares de quilómetros de casa, rodeados e imersos numa cultura em tanto tão diferente, o desejo de atravessar fronteiras (as que se atravessam a pé, ou de jipe, ou as que se fazem através de gestos, sorrisos) fazem de nós coabitantes de uma mesma terra. Temos sonhos, temos fome, temos frio, e, quando sofremos ou sentimos dor, esperamos que não perdure. Está latente na natureza do Homem o querer aproximar-se, encontrar-se, conectar-se. Somos mais inseparáveis do que achamos.

É por nos revermos em tudo nisto que nos mobilizamos. Mas esta é, foi, e tem sido uma tremenda aventura humanitária.

Espanta-nos que cause controvérsia a ideia de que temos um especial dever de solidariedade com os jovens guineenses, sobretudo quando somos jovens formados em escolas e universidades públicas e sentimos o dever de retribuir o que a Democracia fez por nós, de levar a educação que tivemos a boa ventura de ter a quem não nasce e vive com a mesma igualdade de condições. Para nós, é esta a manifestação do apelo corporizado dos nossos professores à ação diligente e proativa, ao espírito associativo de cidadãos com pensamento crítico.

Nos nossos primeiros dias, o GRITAH lançou-se à caminhada num contexto de tempo e espaço que aparentavam ser bem mais condutivos à receção da mensagem dos Direitos Humanos, contando com consciências e mentalidades que nos davam alguma garantia de abertura e transigência à sua efetivação. Hoje, parecemos todos ser outros. Hoje, deparamo-nos com um mundo diferente, em retrocesso social e civilizacional.

A narrativa social que aparenta ser hoje a mais popular não corresponde à realidade daquela que nos é intrinsecamente transmitida desde crianças, em que a moral a retirar das histórias infantis e das fábulas constrói sociologicamente desde cedo um contacto com a própria condição humana, em tudo convergente com a empatia, a tolerância, a moralidade: são estas as fundações no âmago das quais crescemos e nos tornamos seres críticos e sociais.

Esta é a época do pós: pós Direitos Humanos, pós espírito crítico, pós empatia. Entrincheirados e polarizados, padecemos do sensacionalismo, da desinformação, da apatia, do materialismo, do egoísmo, da dessensibilização generalizada, da descredibilização das instituições, da instrumentalização das minorias, do aumento da violência de género, da misoginia, do discurso de ódio, dos cultos de personalidades, do fanatismo rampante e das clivagens sociais cada vez mais acentuadas.

Numa era de avanço científico e progresso civilizacional, as redes sociais surpreendem pela negativa. Na vez de serem instrumentos de assistência à verdade, ao conhecimento, à ciência e às artes, servem de refúgio e de verdadeira bolha isoladora, onde o ressentimento abre lugar aos extremismos e aos discursos inflamatórios.

Estes são tempos em que é banal a negação de determinados postulados humanistas que até há pouco tempo pareciam ser consensuais, em que as proteções concedidas por direitos tão arduamente conquistados estão sob ataque.

Reconhecemos esta vulnerabilidade e fragmentação social - e, ainda assim, mesmo que nos pareçam por vezes inescapáveis e sufocantes, estes traços de retrocesso são sintomas de uma tendência alarmante, mas sem constituírem ainda uma patologia irreversível à qual estamos condenados. Pelo menos, agarramo-nos com afinco a essa possibilidade, na convicção de que qualquer poder humano pode ser resistido e alterado pelos mesmos. Também o apartheid, a escravatura, a segregação racial foram durante certos períodos da História a norma civilizacional a seguir, até serem desmantelados por quem reconhecesse

neles uma dimensão assombrosa de sofrimento e tragédia humana, e sentisse o dever de resistir perante os mesmos, caso ainda houvesse a possibilidade de deixar como herança um outro mundo.

Se tomamos como verdade incontornável que nenhum ser humano escolhe ser oprimido, maltratado, discriminado e marginalizado, é porque reconhecemos uma inerente universalidade nestes preceitos: dignidade, integridade, moralidade, humanismo, fraternidade universal. Há demasiado valor na autodeterminação, nas liberdades individuais, são demasiado inestimáveis para serem renunciadas. São valores comprovados pelo peso da História e dos sacrifícios daqueles que nos trouxeram até aqui.

Olhemos para esta fase distópica como mais um exemplo do potencial colossal que pode vir a emanar de si. Construímos as mais relevantes organizações internacionais dos escombros de um dos piores pesadelos da história da humanidade, e conseguimos reforçar o poder da opinião pública mundial num contexto de diálogo em fórum aberto, onde rege o plenário. A fortíssima consciência da sociedade civil representada pelas ONGs vem a salientar esse seu papel crucial naquilo que é a crença no facto de que os direitos conquistados foram o que possibilitaram a nossa liberdade.

Somos um projeto de cultura. Um movimento de pessoas para pessoas.
O desafio que fazemos é a renovação do amor.

Vemos no GRITAH uma plataforma que promove o diálogo de um futuro comum, um espaço de encontro de proveniências distintas, que reafirme a consolidação de valores universais que dávamos como adquiridos, que reitere e corrobore as bases que nos são comuns. Acreditamos que a participação social e cívica molda o mundo que almejamos, na educação que combate desinformação e estereótipos erróneos, como máquina que gera empatia. Desafiamo-nos a desempenhar um papel determinante na construção de narrativas inclusivas e dignificantes, através dos projetos que levamos a cabo, desde as Oficinas Artísticas à colaboração e envolvimento ativo com a Comunidade Intermunicipal do Tâmega e Sousa, até ao centro cívico e escolar na Guiné.

Este é o momento de proteger todas as pessoas em todos os lugares: dependemos da solidariedade, o tal vínculo inseparável na vida em comunidade, através do qual está comprovado conseguir-se minar sistemas injustos.

Urge-nos reconhecer que, nos dias de hoje, os Direitos Humanos não estão a ser garantidos por quem de direito. É urgente uma tomada de consciência, sermos e fazermos mais, individualmente e em conjunto. Se o ser humano é capaz de tudo - terror e beleza, antagónicos por natureza - mostremos por exemplo que ainda há espaço fora das franjas extremistas para a efetivação destes princípios, como obrigações legais de impacto real para a persecução de uma vida digna, em felicidade e segurança.

Exigimos a proteção ininterrupta dos Direitos Humanos, valores que nos norteiam, que demandam serem defendidos todos os dias, em cada política pública, nas decisões que afetam vidas e subsistências.

Repudiamos a disposição de transformar minorias e imigrantes em bodes expiatórios, constatando os seus direitos como obstáculos ao progresso.

Pugnamos pelo reconhecimento da diversidade e riqueza inerente de cada pessoa e indivíduo, estando veemente contra a sua estigmatização, independentemente da ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual.

Que vidas humanas tenham valor, o valor que lhes é inalienável.
Que esta terra única seja o espaço comum do Homem.

Temos trabalho para os próximos cem anos. A “cultura de empatia” é o antídoto e o projeto mais necessário do mundo.